

LIÇÃO 6 - A Filosofia Primeira Deve Examinar o Primeiro Princípio da Demonstração. A Natureza Deste Princípio. Os Erros sobre Ele

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulos 3 e 4: 1005b 8-1006a 18

“ 326. E é apropriado que a pessoa mais bem informada sobre cada classe de coisas seja capaz de afirmar os princípios mais firmes de seu assunto. Daí, aquele que compreende os seres enquanto seres deve ser capaz de afirmar os princípios mais firmes de todas as coisas. Essa pessoa é o filósofo.

327. E o mais firme de todos os princípios é aquele sobre o qual é impossível cometer um erro; pois tal princípio deve ser tanto o mais conhecido (pois todos os homens cometem erros sobre coisas que não conhecem) quanto não hipotético. Pois o princípio que todo aquele que entende algo sobre os seres deve ter não é hipotético; e aquele que todo aquele que conhece algo deve conhecer deve ser possuído por ele quando chega ao seu assunto. É evidente, então, que tal princípio é o mais firme de todos.

328. E digamos agora qual é esse princípio. É que o mesmo atributo não pode, ao mesmo tempo e no mesmo aspecto, pertencer e não pertencer ao mesmo sujeito; e estipulemos quaisquer outras qualificações que precisem ser estabelecidas para enfrentar dificuldades dialéticas. Ora, este é o mais firme de todos os princípios, pois corresponde à definição dada; pois é impossível para alguém pensar que a mesma coisa é e não é, embora alguns opinem que Heráclito fala dessa forma; pois o que um homem diz, ele não necessariamente aceita. Mas, se é impossível que contrários pertençam simultaneamente ao mesmo sujeito (e suponhamos então que as mesmas coisas sejam estabelecidas

aqui como na proposição habitual), e se uma opinião que expressa o contraditório de outra é contrária a ela, evidentemente o mesmo homem não pode, ao mesmo tempo, pensar que a mesma coisa pode ser e não ser; pois aquele que se engana nesse ponto terá opiniões contrárias ao mesmo tempo. E é por essa razão que todos os que fazem demonstrações reduzem seu argumento a esta posição última. Pois este é, por natureza, o ponto de partida de todos os outros axiomas.

Capítulo 4

329. Ora, como dissemos (328), houve alguns que afirmaram que a mesma coisa pode ser e não ser, e que isso pode ser crido. E muitos dos que tratam da natureza adotam essa teoria. Mas agora tomamos como impossível que uma coisa seja e não seja ao mesmo tempo, e por meio disso mostraremos que este é o mais firme de todos os princípios.

330. Mas alguns consideram adequado que até mesmo esse princípio seja demonstrado, e fazem isso por falta de instrução. Pois não saber de que coisas se deve buscar demonstração e de que coisas não se deve mostra falta de instrução. Pois é completamente impossível que haja demonstração de todas as coisas, porque então haveria um regresso infinito, de modo que ainda não haveria demonstração. Mas, se há algumas coisas das quais não é necessário buscar demonstração, essas pessoas não podem dizer qual princípio consideram mais indemonstrável.

331. Mas mesmo neste caso é possível mostrar por refutação que essa visão é impossível, desde que nosso oponente diga algo. Mas se ele não disser nada, é ridículo buscar uma razão contra alguém que não tem razão, exatamente no ponto em que ele está sem razão; pois tal homem é realmente como uma planta. Ora, digo que a demonstração por refutação é diferente da demonstração [em sentido estrito], porque aquele que quisesse demonstrar esse princípio em sentido estrito pareceria incorrer em petição de princípio. Mas quando alguém argumenta para convencer outro, haverá refutação, não demonstração.

COMENTÁRIO

Esta ciência considera particularmente o primeiro princípio, o da contradição.

596. Ele mostra aqui que é próprio do primeiro filósofo ocupar-se principalmente do primeiro princípio da demonstração; e quanto a isso faz duas coisas. Primeiro, mostra que é tarefa do primeiro filósofo considerar esse princípio; e segundo (611), começa a examinar esse princípio.

Quanto ao primeiro, faz três coisas. Primeiro, mostra que é ofício desta ciência considerar o primeiro princípio da demonstração. Segundo (597), indica qual é esse princípio. Terceiro (606), rejeita certos erros acerca do mesmo princípio.

Quanto ao primeiro ponto, usa o seguinte argumento. Em toda classe de coisas, o homem que conhece os princípios mais certos é o mais bem informado, porque a certeza do conhecimento depende da certeza dos princípios. Mas o primeiro filósofo é o mais bem informado e o mais certo em seu conhecimento; pois essa era uma das condições da sabedoria, como foi esclarecido no prólogo desta obra (35), ou seja, que aquele que conhece as causas das coisas tem o conhecimento mais certo. Portanto, o filósofo deve considerar os princípios mais certos e firmes dos entes, que ele considera como o gênero-sujeito próprio a si.

597. **E o mais firme** (327).

Em seguida, mostra qual é o princípio mais firme ou mais certo; e quanto a isso faz duas coisas. Primeiro, expõe as condições para o princípio mais certo; e depois (600) mostra como elas se aplicam a um único princípio ("E digamos").

Assim, ele dá, primeiro, as três condições para o princípio mais firme. (1) A primeira é que ninguém pode enganar-se ou errar a respeito dele. E isso é evidente, porque, como os homens só erram acerca das coisas que não conhecem, então aquele princípio sobre o qual ninguém pode enganar-se deve ser o mais conhecido.

598. (2) A segunda condição é que ele não deve ser "hipotético", ou seja, não deve ser mantido como uma suposição, como aquelas coisas que são sustentadas por algum tipo de acordo comum. Por isso, outra tradução diz "E não devem ocupar um lugar subordinado", i.e., esses princípios mais certos não devem ser tornados dependentes de qualquer outra coisa. E isso é verdade, porque tudo o que é necessário para entender algo sobre o ser "não é hipotético", i.e., não é uma suposição, mas deve ser evidente por si mesmo. E isso é verdade porque tudo o que é necessário para entender qualquer coisa deve ser conhecido por quem conhece outras coisas.

599. (3) A terceira condição é que ele não é adquirido (~) por demonstração ou por qualquer método similar, mas (+) vem por natureza, de certo modo, àquele que o possui, na medida em que é naturalmente conhecido e não adquirido. Pois os primeiros princípios tornam-se conhecidos pela luz natural do intelecto agente, e não são adquiridos por nenhum processo de raciocínio, mas pelo conhecimento de seus termos. Isso ocorre devido ao fato de que a memória deriva das coisas sensíveis, a experiência da memória, e o conhecimento desses termos da experiência. E, quando são conhecidos, proposições comuns desse tipo, que são os princípios das artes e ciências, tornam-se conhecidas.

Daí é evidente que o princípio mais certo ou mais firme deve ser tal que acerca dele não possa haver erro; que não seja hipotético; e que advém naturalmente àquele que o possui.

600. E consideremos a seguir (328).

Em seguida, ele indica o princípio ao qual se aplica a definição acima. Diz que ela se aplica a este princípio, como àquele que é o mais firme: é impossível que o mesmo atributo pertença e não

pertença ao mesmo sujeito ao mesmo tempo. E é necessário acrescentar "sob o mesmo aspecto"; e quaisquer outras qualificações que devam ser dadas acerca deste princípio "para enfrentar as dificuldades dialéticas" devem ser estabelecidas, pois, sem essas qualificações, pareceria haver contradição onde não há nenhuma.

601. Que este princípio deve satisfazer as condições acima enunciadas, ele o mostra do seguinte modo: (1) É impossível a alguém pensar, ou sustentar como opinião, que a mesma coisa ao mesmo tempo é e não é, embora alguns creiam que Heráclito foi dessa opinião. Mas, embora seja verdade que Heráclito falou desse modo, ele não podia pensar que isso fosse verdade; pois não é necessário que tudo aquilo que uma pessoa diz ela sustente mentalmente como opinião.

602. Mas, se alguém dissesse que é possível a alguém pensar que a mesma coisa ao mesmo tempo é e não é, seguir-se-ia esta consequência absurda: os contrários poderiam pertencer ao mesmo sujeito ao mesmo tempo. E "suponhamos que as mesmas coisas sejam estabelecidas", ou demonstradas, aqui como na proposição usual estabelecida em nossos tratados de lógica. Pois foi demonstrado no final do Peri hermeneias I que as opiniões contrárias não são as que dizem respeito aos contrários, mas as que dizem respeito aos contraditórios, propriamente falando. Pois quando uma pessoa pensa que Sócrates é branco e outra pensa que ele é negro, estas não são opiniões contrárias no sentido primário e próprio; mas há opiniões contrárias quando uma pessoa pensa que Sócrates é branco e outra pensa que ele não é branco.

603. Portanto, se alguém pensasse que dois contraditórios são verdadeiros ao mesmo tempo, por pensar que a mesma coisa ao mesmo tempo é e não é, ele terá opiniões contrárias ao mesmo tempo; e assim os contrários pertencerão à mesma coisa ao mesmo tempo. Mas isso é impossível. É impossível, pois, que alguém se engane em sua própria mente acerca dessas coisas e pense que a mesma coisa ao mesmo tempo é e não é. E é por essa razão que todas as demonstrações reduzem suas proposições a esta proposição como a opinião última comum a todos; pois esta proposição é, por natureza, o ponto de partida e o axioma de todos os axiomas.

604. (2 e 3) As outras duas condições são, portanto, evidentes, porque, na medida em que os que fazem demonstrações reduzem todos os seus argumentos a este princípio como o último, referindo-os a ele, evidentemente este princípio não se baseia numa suposição. Com efeito, na medida em que é, por natureza, um ponto de partida, claramente advém sem ser procurado àquele que o possui e não é adquirido por seu próprio esforço.

605. Ora, para tornar isso evidente, deve-se notar que, como o intelecto tem duas operações — uma pela qual conhece as quididades, que se chama intelecção dos indivisíveis, e outra pela qual compõe e divide —, há algo primeiro em ambas as operações. Na primeira operação, a primeira coisa que o intelecto concebe é o ente, e nessa operação nada mais pode ser concebido a menos que o ente seja compreendido.

E porque este princípio — é impossível que uma coisa ao mesmo tempo seja e não seja — depende da compreensão do ente (assim como o princípio "todo todo é maior que uma de suas partes" depende da compreensão de todo e parte), então este princípio é, por natureza, também o primeiro na segunda operação do intelecto, isto é, no ato de compor e dividir. E ninguém pode compreender algo por esta operação intelectual a menos que este princípio seja compreendido.

Pois, assim como um todo e suas partes são compreendidos somente pela compreensão do ente, de modo semelhante o princípio de que todo todo é maior que uma de suas partes é compreendido somente se o princípio mais firme for compreendido.

606. Ora, como dissemos (329).

Em seguida, ele mostra como alguns homens erraram acerca deste princípio; e, quanto a isso, faz duas coisas. Primeiro, toca no erro daqueles que rejeitaram o princípio precedente; e, segundo (607), trata daqueles que quiseram demonstrá-lo ("Mas alguns").

Assim, ele diz que alguns homens, como foi dito acima acerca de Heráclito (601), disseram que a mesma coisa pode ao mesmo tempo ser e não ser, e que é possível sustentar essa opinião; e muitos dos filósofos da natureza adotam essa posição, como será esclarecido abaixo (665). De nossa parte, porém, agora tomamos como evidente que o princípio em questão é verdadeiro, isto é, o princípio de que a mesma coisa não pode ao mesmo tempo ser e não ser; mas, de sua verdade, mostramos que ele é o mais certo. Pois, do fato de que uma coisa não pode ao mesmo tempo ser e não ser, segue-se que os contrários não podem pertencer ao mesmo sujeito, como será dito abaixo (663). E do fato de que os contrários não podem pertencer a um sujeito ao mesmo tempo, segue-se que um homem não pode ter opiniões contrárias e, conseqüentemente, que não pode pensar que os contraditórios são verdadeiros, como foi mostrado (603).

607. Mas alguns (330).

Em seguida, ele menciona o erro de certos homens que quiseram demonstrar o princípio acima mencionado; e, quanto a isso, faz duas coisas. Primeiro, mostra que ele não pode ser demonstrado em sentido estrito; e, segundo (608), que pode ser demonstrado de certo modo ("Mas ainda").

Assim, ele diz, primeiramente, que certos homens julgam conveniente, isto é, desejam, demonstrar este princípio; e o fazem "por falta de instrução", isto é, por falta de aprendizado ou de ensino. Pois há falta de instrução quando um homem não sabe para o que buscar demonstração e para o que não; pois nem todas as coisas podem ser demonstradas. Se todas as coisas fossem demonstráveis, então, como uma coisa não é demonstrada por si mesma, mas por outra, as demonstrações seriam circulares (embora isso não possa ser verdadeiro, porque então a mesma coisa seria ao mesmo tempo mais conhecida e menos conhecida, como fica claro no Livro I dos Segundos Analíticos), ou teriam de proceder ao infinito. Mas, se houvesse regressão infinita nas demonstrações, a demonstração seria impossível, porque a conclusão de qualquer demonstração é tornada certa ao ser reduzida ao primeiro princípio de demonstração. Mas isso não seria o caso se a demonstração procedesse ao infinito em direção ascendente. É claro, pois, que nem todas as coisas são demonstráveis. E, se algumas coisas não são demonstráveis, esses homens não podem dizer que algum princípio seja mais indemonstrável do que o acima mencionado.

608. **Mas mesmo neste caso** (331).

Aqui ele mostra que o princípio acima mencionado pode ser demonstrado de certo modo. Ele diz que pode ser demonstrado por refutação. Em grego, a palavra é *evlegktikw/j*, que se traduz melhor por *por refutação*, pois um *e;legkoj* é um silogismo que estabelece o contraditório de uma proposição e, portanto, é introduzido para refutar alguma posição falsa. E com base nisso, pode-se

mostrar que é impossível para a mesma coisa ser e não ser ao mesmo tempo.

Mas esse tipo de argumento só pode ser empregado se aquele que nega o princípio devido a dificuldades "diz algo", ou seja, se ele significa algo por uma palavra. Mas se ele não diz nada, é ridículo buscar uma razão contra alguém que não faz uso da razão ao falar; pois nessa disputa, qualquer um que não signifique nada será como uma planta, pois até os animais brutos significam algo por meio de tais sinais.

609. Pois uma coisa é dar uma demonstração estrita desse princípio, e outra é demonstrá-lo argumentativamente ou por refutação. De fato, se alguém desejasse dar uma demonstração estrita desse princípio, pareceria estar pedindo a questão, porque qualquer princípio que ele pudesse tomar para demonstrar este estaria entre aqueles que dependem da verdade deste princípio, como fica claro pelo que foi dito acima (330:C 607). Mas quando a demonstração não é desse tipo, ou seja, demonstração em sentido estrito, então haverá, no máximo, refutação ou desaprovação.

610. Outro texto afirma isso melhor ao dizer: "Mas quando se argumenta para convencer outro, haverá então refutação, mas não demonstração"; ou seja, quando um processo desse tipo, de um princípio menos conhecido para um mais conhecido, é empregado para convencer outro homem que nega isso, haverá então refutação ou desaprovação, mas não demonstração; isto é, será possível ter um silogismo que contradiz seu ponto de vista, já que o que é menos conhecido em sentido absoluto é admitido pelo oponente, e assim será possível proceder para demonstrar o princípio acima mencionado no que diz respeito ao homem, mas não em sentido estrito.

Revision #4

Created 7 September 2026 23:36:50 by Admin

Updated 13 September 2026 17:08:14 by Admin